

Continuação da página 5

JU – Desde a década de 90 o governo tem investido forte na compra de livros para as escolas. Em paralelo há muitas críticas sobre as escolhas de leitura nas escolas, afastando o público infanto-juvenil dos livros. Que realidade, afinal, nós vivemos?

Bartolomeu Campos Queirós – É bem verdade que o governo tem, nos últimos anos, incentivado os programas de leitura nas escolas. Mas a escolha dos livros deve ser do aluno. Dificuldades econômicas associadas à formação dos professores vêm impedindo tal ação. É que parte dos professores, por tantos motivos, não é leitora. É impossível saber o que interessa a cada criança, daí a necessidade da escolha ser feita pela criança. Mesmo como escritor devo reconhecer que jamais recebi autorização das crianças para escrever em nome delas ou para elas. Tudo é uma aventura. Por ser assim, a biblioteca é indispensável por guardar diferentes tipos de produção.

Marina Colassanti – As duas. De fato, o governo vem investindo muito na compra de livros. Mas não investe com igual intensidade na formação de professores ou na sua reciclagem. Os livros podem ser bem escolhidos, e ainda assim muitos professores não estarão aptos a realizar com eles um bom trabalho. Além disso, não podemos esquecer as escolas particulares, que em muitos casos tampouco realizam um bom trabalho de leitura. A escolha do livro é importante, mas não é o grande vilão. O grande vilão é o professor despreparado, o professor que não é leitor, que não ama a leitura e que não pode transmitir aquilo que não sente.

Paulo Franchetti – Creio que a compra de livros para escolas é um passo importante. Mas é apenas um primeiro passo. Não é possível esperar que a simples compra dos livros, independentemente de eles serem bem ou mal escolhidos, resolva o problema do acesso à leitura e da formação do hábito de leitura. As condições objetivas das escolas contam muito. O local de conservação dos livros, as formas de acesso, manuseio, empréstimo. E, por último, há o fator principal, que usualmente fica fora dos diagnósticos dos problemas de leitura: a educação dos professores e as suas condições de trabalho e vida. Um professor de leitura tem de ser alguém que lê. Alguém que tem livros para ler e que tem tempo para os ler. E alguém para quem a leitura seja algo importante, e não apenas uma tarefa pedagógica.

Nós vivemos numa realidade na qual o investimento em pessoas, nos profissionais do ensino, é secundário. Numa realidade na qual se acredita que é mais fácil resolver o problema da leitura com compra de livros do que com investimento na formação e na qualidade de vida cultural dos professores encarregados de ensinar o prazer e a utilidade da leitura.

JU – Com o surgimento da internet, ou seja, da junção de imagem e texto, tem-se a impressão que os jovens estão voltando a ler e a escrever. Se isso é verdade, não estariam diante de uma revolução da leitura e, mais extensamente, da cultura literária entre



Aluno na Biblioteca Central da Unicamp: Cole vai reunir na Universidade mais de 3 mil congressistas; cerca de 1,4 mil trabalhos vão ser apresentados

Foto: Antoninho Perri

‘Somos sempre levados a acreditar que a fantasia é um exercício menor’

os jovens?

Bartolomeu Campos Queirós – Há uma crescente busca de informação. É um direito de todo sujeito saber de suas antecessoras. A internet tem sido um lugar de referência e temos que concordar que outros avanços ainda teremos. A construção de “sites” busca uma estética capaz de seduzir a todos, também pelos seus mistérios. E o conhecimento gera conhecimento. Podemos afirmar que, quanto mais conhecemos, menos sabemos. O sujeito desde sua origem foi um grande construtor. Cada dia mais nós inteiramos que são vários os caminhos da leitura. Se a internet avança, também o consumo do livro aumenta. São muitas as leituras. Atrás de um bom filme existe um roteiro, de um teatro existe um texto, de uma novela existe um argumento. Sempre seremos leitores.

Marina Colassanti – Leitura é uma coisa, e cultura literária é outra, bem diferente. Na internet os jovens escrevem de uma forma muito mais pictográfica e telegráfica do que quando se escreve no papel.

Estão forjando uma outra forma de escrever, muito gráfica, visual, e é possível que a pós-modernidade a considere uma nova forma literária. Mas é um conceito discutível. Quanto a ler, não creio que ninguém faça leituras extensas e densas na internet, embora perdendo horas em leituras fragmentadas, eventualmente de pouca ou nenhuma utilidade. Ninguém lê “Grande Sertão e Veredas” no computador.

Paulo Franchetti – Penso que a questão não é a junção de imagem e texto. A internet permite que a leitura e a escrita tenham interesse imediato, tenham função na vida cotidiana. Não que a leitura de livros ou jornais ou revistas não tenha. Mas o interesse da internet é que ela permite respostas imediatas às ações. Alguém que está em busca de informação sobre um assunto é rapidamente conduzido a outros, de acordo com o seu interesse momentâneo. E a leitura se faz de forma fragmentária, não sequencial, não obrigatória, mas ao sabor do interesse. Interesse é a palavra-chave, na minha opinião.

E quanto a escrever, a internet faz de cada um de nós um sujeito

da escrita: podemos escrever comentários nos blogs dos outros, postar poemas numa lista de discussão, debater publicamente qualquer assunto que nos interesse, das preferências sexuais à conservação das locomotivas antigas, criar uma homepage com nossos contos ou artigos.

Mas é preciso ver que é ainda pequeno o acesso à internet, de modo que a pergunta pressupõe uma determinação de classe que não deve ser ocultada: trata-se de jovens de classe média e alta. O que, neste país, é ainda uma parcela muito pequena da população.

JU – Fenômenos como o surgimento e a rápida proliferação dos blogs, a internet acaba por forjar uma espécie de “dialeto” entre os jovens. Isto é positivo ou negativo?

Bartolomeu Campos Queirós – A escrita é dinâmica como o mundo. Se participo na internet de uma sala, sei que não estou construindo literatura. São muitos os estilos de comunicação. Mas tanta na internet como na literatura existe um rompimento com o cotidiano da linguagem. Não sei se

chamaria esse fenômeno de “dialeto”. Se assim for, penso que um dia Guimarães Rosa vai ser um dialeto para aqueles que estão chegando à vida. Não quero ser nostálgico. Todo mecanismo que nos ajuda a ser mais sensíveis diante do mundo e de nossa própria humanidade é válido. Só pela sensibilidade teremos um mundo mais ético.

Marina Colassanti – Nem uma coisa, nem outra. É um fenômeno lingüístico e social que ainda está sendo estudado.

Paulo Franchetti – O blog, enquanto diário e lugar de colagem de textos que o autor escolheu para transcreever e/ou comentar, é diferente, como atitude e prática de linguagem, de outros meios de comunicação escrita na internet, como os chats e os programas de comunicação interativa. Não acho que seja negativo nem positivo o fato de se criar um “dialeto” nos blogs. Mas acho que é positivo o fato de, para um número cada vez maior de pessoas, a linguagem escrita ser algo com que se sentem à vontade.

JU – Ao longo da história, grandes movimentos da arte e da cultura sempre vieram na esteira das transformações da sociedade e de seus modos de produção e de comunicação. A internet essencialmente um fator de mudança do campo da informação e da própria cultura, afetando também os modos de produção. Por que as artes ainda não reagiram? Ou essa reação existe e ainda não é tão visível?

Bartolomeu Campos Queirós – É que a sociedade está voltada para o consumo. Não nos foi possível descobrir e vivenciar, com intensidade, que todo real é uma fantasia que ganhou corpo. Só pela fantasia acrescentamos. Somos sempre levados a acreditar que a fantasia é um exercício menor. Parece-me que estamos mais preocupados com a qualidade dos preços do que com a qualidade dos valores. Por muito tempo fomos induzidos à crença de que consumir é mais prazeroso que criar. Mas percebo reações e justifico, em parte, a violência, como uma resposta. Por outro lado, muitos artistas, principalmente em artes visuais, têm feito das tecnologias seus ins-

CONFERÊNCIAS

5 de julho de 2005

10h Cerimônia de instalação do 15º COLE

11h Conferência de abertura:

As circunstâncias da escrita para jovens - Bartolomeu Campos Queirós (escritor)
Gênero Multidisciplinar

10h	Local
• O silêncio das crianças: Notas sobre cinema e infância - Jorge Larrosa (Universidade Barcelona - Espanha)	Apeu 1
• Um lugar para a literatura: Margara Opalka (Unicamp)	Apeu 2
• Palavras e gestos, práticas e sentidos: considerações sobre relações de ensino - Ana Luiza B. Simões (Unicamp)	Apeu 3
• Divulgação de livros de leitura para a escola - Maria Helena Magalhães (Cedeas, Ita Helzi) (escritora, editora de Ed. Manati, Ita Valéria Gomes) (Projetos culturais, editoriais e educacionais)	Auditorio IA

6 de julho de 2005

10h	Local
• Mensagem aos leitores que vão nascer - João Wanderley Geraldi (Unicamp)	Apeu 1
• Leitor: um modo de ser - Edna Parada (USP)	Apeu 2
• O papel da arte no processo de leitura: observação, junto ao autor experiente e ao leitor iniciante - Denis Foucault (Associação Francesa para a Leitura - França)	Apeu 3
• Telespota, adaptação, empolgação: por onde caminhamos nos livros de literatura - Jorge Márcio Pereira de Andrade (DEFNET), Regina de Souza (Unicamp), Fábio Genti (UERJ)	Auditorio IA

7 de julho de 2005

10h	Local
• Políticas de leitura e participação cidadã - Silvia Cristiani (Universidade de Brasília - Brasília)	Apeu 1
• Aspectos indigenas da literatura infantil e juvenil - Ricardo Almeida (Apeu 2)	Apeu 2
• Poesia e vida - Flávio Vespasiano de Giorgi (Unicamp)	Apeu 3
• O plano nacional do livro e leitura (PNLL) e os mediadores de leitura - Daniela Amoret (MENC)	Auditorio IA

8 de julho de 2005

10h	Local
• Políticas de leitura e o cânone: o papel dos mediadores - Edna Parada (USP), Neusa Cecília de Carvalho (UEL)	Apeu 1
• O prazer de ler hoje e não - Enzo Calais (Universidade de Friburgo - Itália)	Apeu 2
• 20 anos de O Anjo na sala de aula - homenagem a João Wanderley Geraldi - Valdir Heitor Barzotto (coordenador)	Apeu 3
• A escola radical - Cristiano Amaral G. de Giorgi (Unesp)	Auditorio IA

9 de julho de 2005

10h	Local
• Políticas de leitura e participação cidadã - Silvia Cristiani (Universidade de Brasília - Brasília)	Apeu 1
• Aspectos indigenas da literatura infantil e juvenil - Ricardo Almeida (Apeu 2)	Apeu 2
• Poesia e vida - Flávio Vespasiano de Giorgi (Unicamp)	Apeu 3
• O plano nacional do livro e leitura (PNLL) e os mediadores de leitura - Daniela Amoret (MENC)	Auditorio IA

10h Conferência de encerramento:

Lendo na casa de guerra - Marina Colassanti (escritora)
Gênero Multidisciplinar

trumentos de expressão.

Marina Colassanti – As artes já reagiram. Reagiram incorporando desde o início os meios televisivos. O cinema se apossou deles de modo muito evidente e constante, as artes visuais jogam com eles o tempo todo, a poesia os utiliza e se veicula através deles, já os vi incorporados na dança e tenho certeza de que penetraram na música. Mas já são para nós tão familiares, tão corriqueiros, que muitas vezes os vemos incorporados em uma instalação ou em uma cenografia, sem registrarmos diretamente sua presença.

Paulo Franchetti – Quando falamos de cultura, eu creio que estamos falando de artes e ciências. Assim, não compreendo o que quer dizer a afirmação de que os grandes movimentos culturais venham na esteira das transformações da sociedade. A cultura produz transformações, é parte do processo de transformação da sociedade. Não é possível compreender a escola hoje, isto é, a escola dos que têm acesso a computador, sem a internet. Não se faz mais pesquisa sem internet, seja por conta das facilidades da web, seja por conta das trocas de informações e arquivos por e-mail. O modo de escrever já mudou com o computador pessoal. E continua a mudar.

JU – Que impacto a internet terá na produção e na difusão do livro? São instrumentos complementares ou excludentes entre si?

Bartolomeu Campos Queirós –

Vejo que tanto a internet como o livro são instrumentos complementares embora exigindo maneiras diversas de participações. Ambos abrem caminhos. Eu me lembro que ao surgir o vídeo muitos diziam que os cinemas seriam fechados. Nunca tivemos tantas salas como agora e com tanta frequência. É necessário confirmar que o sujeito é que dá sentido às coisas. E como é bom descobrir que por meio dos sentidos somos além de nós.

Marina Colassanti – Complementares. Durante alguns anos se disse e se temeu que a internet acabasse com o livro. O assunto foi discutido em todas as grandes feiras de livros, em seminários e em simpósios, nas editoras e nas universidades. Mas enquanto discutíamos, verificou-se progressivamente que isso não ia acontecer. Hoje, todos sabemos que nem a internet nem o e-book acabarão com o livro. Aliás, não era essa sua intenção.

Paulo Franchetti – É difícil prever. O acesso à informação na internet deverá ainda sofrer muitas alterações. Basta pensar no que houve com os jornais impressos. Num primeiro momento, todos foram para a web. O acesso era gratuito e geral. Parecia que seria o fim do jornal pago, que os anúncios na internet sustentariam o custo. Logo se viu que não era assim. Hoje, os grandes jornais vendem assinaturas eletrônicas e oferecem acesso eletrônico apenas aos assinantes do papel ou de um portal coligado. É difícil saber como será o futuro do

Seminários

1 - VIII Seminário de Educação de Jovens e Adultos

Coord: Ana Lúcia Silva Souza (Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação)

2 - VII Seminário de Bibliotecas

Coord: Gláucia Maria Mollo (SMCC/ALB); Maria das Graças M. Castro (UFG)

3 - III Seminário Sobre Práticas de Leitura, Gênero e Exclusão

Coord: Anete Abramowicz (UFSCar-SP); Maria Rosa R. Marins de Camargo (UNESP-Rio Claro); Maria Teresa Santos Cunha (UDESC-SC)

4 - II Seminário sobre Educação Matemática

Coord: Celi Espasandin Lopes (LEM-UNICAMP/UNICUSUL)

5 - VI ELESÍ - Encontro sobre leitura e escrita em sociedades indígenas

Coord: Juracilda Veiga (Núcleo de Cultura e Educação Indígena-ALB) e Maria Beatriz R. Ferreira (Laboratório de Antropologia Bio-Cultural-UNICAMP)

6 - VI Encontro sobre Mídia, Educação e Leitura

Coord: Maria Inês Ghilardi Lucena (PUC-Campinas)

7 - V Encontro sobre Leitura e Ensino de Língua Estrangeira

Coord: Lúcia Peixoto Cherm (UFPR)

8 - II Seminário sobre Leitura, Escola, História

Coord: Luiz Carlos Barreira e Marta Maria Chagas de Carvalho (PPGE-UNISO)

9 - V Seminário de Literatura Infantil e Juvenil

Coord: Elizabeth D'Angelo Serra (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil)

10 - V Seminário Educação, Políticas Públicas e Pessoas com deficiência

Coord: Shirley Silva (SMEC); Jorge Márcio Pereira de Andrade (DEFNET); Marli Vizim (FSA)

11 - IV Seminário sobre Letramento e Alfabetização

Coord: Antônio Augusto Gomes Batista (CEALE-UFMG) e Marildes Marinho (CEALE-UFMG)

12 - IV Seminário sobre Ensino de Língua e Literatura

Coord: Luiz Antônio da Silva (USP)

13 - II Seminário de Produção de Conhecimentos, Saberes e Formação Docente

Coord: Corinta Maria Grisolera Geraldi (Unicamp)

14 - IV Seminário sobre Leitura e Produção no Ensino Superior

Coord: Claudia Rosa Riolfi (ANPL/USP) e Valdir Heitor Barzotto (ANPL/USP)

15 - IV Seminário Linguagens na Educação Infantil

Coord: Ana Lúcia Goulart de Faria (UNICAMP)

MAIS INFORMAÇÕES

www.alb.com.br/novocole.php
Telefone: (19) 3289-4166

remos de ler outro e mais outro.

Marina Colassanti – Quem deve dar o número preciso de leitores, seu eventual aumento em relação à população e a renda, não sou eu. É o mercado livreiro. Aliás, essa é uma pergunta toda ela para editores. O que sabemos é que as editoras estão aumentando o número de títulos mas diminuindo as tiragens. E sabemos também que a renda não aumenta, mas a população sim. E que vêm surgindo pequenas editoras nos estados, não mais dispostos a viver só dos livros fornecidos pelo grande eixo leitor. E que têm tido êxito editoras setoriais, ou seja, dedicadas apenas a um determinado tipo de livros, como os de auto-ajuda, de espiritualismo, de ecologia ou culinária. Talvez isso tudo responda à sua pergunta.

Paulo Franchetti – Creio que o número de editoras cresceu não só porque o número de leitores efetivamente aumentou, mas principalmente porque o custo de criar e manter uma editora diminuiu imensamente, por causa da informatização. Hoje, uma editora pode ser criada e mantida com pouco investimento em equipamentos e recursos humanos. Do ponto de vista da produção, a rigor, só são necessárias duas pessoas: um editor para escolher os livros e um funcionário para contratar os trabalhos terceirizados. E com o progresso da impressão sob demanda, sequer se faz necessário um grande espaço de armazenamento, até a editora se consolidar, descobrir a sua fatia de mercado e possuir um catálogo razoável.